

ALGO ESTÁ PODRE NO REINO DA DINAMARCA

Cristina Amélia Carvalho¹
Marcelo Milano Falcão Vieira²

Século XXI, terceiro milênio, talvez por isso, ou talvez não tenha nada a ver com datas e numerais, tenhamos uma sensação crescente de que estamos chegando ao umbral de uma inflexão na produção do conhecimento no campo da administração ou, mais precisamente, no campo dos estudos organizacionais.

Os nossos mais prestigiados e prestigiosos eventos nacionais, como os Enanpads, os Eneos, mas também outros de menor envergadura, têm atestado sucessivamente, nos últimos anos, o crescimento da área por meio do aumento do número de participantes, de pesquisadores, de estudiosos, de artigos e livros publicados, de trabalhos submetidos; enfim, todos os indicadores que, de uma forma ou de outra, estão ligados à produção de conhecimento na área demonstram uma tendência crescente em termos quantitativos.

Os mais destacados dentre nós participam hoje de fóruns acadêmicos no exterior e, diga-se, em centros em que a pesquisa na área tem mais tradição do que aqui, em terras brasileiras.

Mas *algo está podre no reino da Dinamarca*. Esta elogiada "quantidade crescente" de produção realizada encerra um, também crescente, perigo: a subordinação às metas, às estatísticas de sucesso, algo que, por exemplo, atormenta artistas e desportistas: não voltar a vender um milhão de cópias ou não quebrar mais um recorde. Estes, que estão sempre sob a mira dos holofotes, que lhes dirigem a mídia e o público do qual dependem, conhecem bem o fantasma do "já não é mais o mesmo!", ou do "não conseguiu se manter no topo". Surge então o espectro do *doping* para uns ou da contagem de exemplares fictícios, para outros. Este último caso já é encontrado, em menor escala, é verdade, na academia, guardadas as devidas especificidades do que se entende pelo termo "exemplares" em ambas as esferas.

Por que contamos estes casos? Como nos dizem respeito? Porque quer nos parecer que nós, acadêmicos, que trabalhamos na produção de conhecimento, entramos na era da cadeia de produção também, assim como há décadas já aconteceu com a indústria. Nós, como os artistas e desportistas, temos um público e patrocinadores a quem devemos prestar contas. Esse público somos nós mesmos, a comunidade acadêmica, que acompanha os sucessos e fracassos dos seus membros, que convida ou ignora seus pares na medida dessa percepção. Mas essa percepção não deriva de uma análise da profundidade dos escritos do indivíduo, mas da medida de sua visibilidade decorrente do ajuste às abordagens do momento. Nossos patrocinadores, ou quem deles faz as vezes, são as instituições que nos legitimam, a nós e aos programas de ensino de graduação e de pós-graduação nos quais trabalhamos.

Vejamos um exemplo do que costuma ocorrer nos programas de pós-graduação: após submeter-se a e passar por uma seleção de mestrado – que não é por demais exigente – um aluno de mestrado em administração acredita que deverá trabalhar muito se quiser ser mestre. Seus professores, entretanto, sabem que ele poderá ou não se esforçar muito, mas ele terá que ser mestre porque, quando entra no sistema, deixa de ser somente um pesquisador em formação e passa a ser

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco (PROPAD/UFPE).

² Professor da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (EBAPE/FGV) e do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco (PROPAD/UFPE).

também um elemento das estatísticas do seu orientador, do seu programa de pós-graduação e da pós-graduação, de modo geral, e que do sucesso desses dados dependem os patrocínios, ou melhor, os financiamentos. Mas não é só sair mestre que se pede; há que fazê-lo em um curto espaço de tempo, pois há, também, metas de tempo a cumprir. A obsessão pelo objetivo final usurpou os espaços de reflexão. O mesmo se aplica a quem ingressa em um programa de doutorado.

E todas estas metas são independentes do talento dos indivíduos e do tipo e da qualidade de seus trabalhos. No caso específico do doutorado o problema se apresenta de maneira ainda mais preocupante, uma vez que os novos doutores serão responsáveis pela formação de outros mestres, que se tornarão possivelmente doutores, tendo sido submetidos aos mesmos critérios de avaliação, por nós entendidos como insuficientes, dos seus formadores.

É evidente que não estamos a defender as baixas produção e produtividade. Sabemos também que a ausência de critérios de qualquer ordem pode levar à acomodação e a resultados semelhantes aos decorrentes da isonomia salarial nas universidades federais. Tentar tornar igual o que não o é gera injustiça e desalento.

Nossa reflexão dirige-se para a preocupação com o rumo a que nos conduzem os critérios ora utilizados para avaliação e, principalmente, seus reflexos na formação dos quadros que, no futuro, serão, portanto, os pesquisadores, geradores de conhecimento do nosso país. A produção de conhecimento genuíno, criativo, teórico e original, em detrimento da simples aplicação e teste de conhecimentos gerados em outros lugares, requer um tempo diferente daquele da produção em massa. Seus efeitos também são diferentes. Contribuem, de fato, para a constituição de uma *intelligentsia*, fundamental para o desenvolvimento soberano de um país.

Sentimos, entretanto, que vivemos os "Tempos Modernos" na academia, mas, ao invés de apertarmos porcas como Carlitos na cadeia de montagem, produzimos artigos, livros, palestras, pós-graduandos, seminários e conferências num ritmo atordoante. Uma pergunta que nos ocorre: teria César Lattes descoberto o méson pi aos 25 anos se tivesse que se adequar a essas metas?

E o que fazemos nós para cumprir estes parâmetros de quantidade e de tempo? Transformamos o que deveriam ser etapas duras de avaliação em rituais de passagem e, mais grave ainda, para ganhar tempo, partimos de uma dada leitura da realidade, de uma plataforma conceitual já consensual. Fazemos uso do pensamento dominante porque é mais facilmente aceito sem precisar de tanto esforço e, principalmente, de tanto tempo para o tornar legítimo, para o fundamentar. Ele já o é pela construção ativa a partir de pólos e pessoas legitimadas no campo e, pela repetição generalizada que construiu o consenso. Assim, a academia, pelas normas que se impôs, está nos conduzindo a sermos fabricantes de uma ciência dócil.

Escrevia outro dia Maurice Maschino, no *Le Monde Diplomatique* (10/2002), a respeito dos intelectuais; que eles não servem a uma causa, mas, ao contrário, se servem dela, põem a infelicidade do mundo a serviço do seu ego, alimentando seu narcisismo exorbitante. Identificamos esta realidade no nosso meio quando percebemos que dissociamos o que pensamos do que escrevemos. Dizia Bourdieu que o papel do intelectual é ser a má consciência do seu tempo e de sua época. Será que o estamos sendo ou somos tão-somente o reforço da consciência dominante do tempo que nos coube viver?

Esta é uma reflexão difícil de descrever ou, pelo menos, de publicar. Não é sábio criar discórdia onde reina a harmonia, reza o bom senso. Diria um dos muitos *experts* em futebol deste país que *em time que está ganhando não se mexe*. Mas não somos jogadores e isto não é um jogo, pelo menos em seu sentido lúdico. No nosso "campo de jogo" não deve haver harmonia – apenas no que tange às relações pessoais com nossos amigos e colegas de profissão a quem prezamos e a quem saudamos sempre – mas, no campo das idéias, a harmonia é malsã, é sinal

de desalento e de acomodação, é sinal de domesticação da má consciência de que falava Bourdieu.

Aqui, ao contrário, há que se discutir, debater, aceitar os embates, confrontar as idéias com a força correspondente à importância do que se defende. Há que se abrir espaços diferenciados para a discussão que não sejam tão-somente espaços de apresentação que satisfaçam nossos *curricula vitae* e nossas metas de produção. Por isso aceitamos o desafio desta corajosa iniciativa da *Revista Organizações & Sociedade* pois, ainda que possa parecer uma excentricidade de seus idealizadores, vemos nela um passo para uma inflexão na forma de produzirmos conhecimento.